

Memória descritiva da obra

Título: *MATRIZ*

Técnica: Tinta mista sobre papel (processo de decalque com fio tingido)

Dimensões: 4 filas de 4 desenhos (total de 16) — cada desenho 21 x 30 cm — total aproximado: 90 x 130 cm

Ano: 2025

Autor: Flávio Rodrigues

A série *MATRIZ* nasce da vontade de compreender o desenho como território de repetição, variação e eco, uma prática onde o gesto mínimo se multiplica e transforma, revelando uma lógica interna de ritmo e silêncio. O conjunto é composto por dezasseis desenhos apresentados em quatro filas de quatro, alternando folhas em tom creme e branco, separadas entre si por um centímetro. Esta estrutura modular cria um campo visual contínuo, onde o olhar se desloca como num mosaico, estabelecendo uma leitura rítmica entre fragmentos e totalidade.

O processo de criação parte da colocação de fios tingidos com tinta sobre as folhas. A tinta, resultado de uma mistura complexa entre branco e laranja, gera uma cor instável, situada entre o apagamento e o fulgor. Após dispor os fios sobre as primeiras quatro folhas, sobreponho-lhes outras, criando um processo de decalque e transferência, um duplo, um reflexo imperfeito. Cada folha contém, simultaneamente, a presença e o vestígio do gesto, o traço e a sua memória.

Este movimento de transferência e repetição aproxima-se de uma noção de matriz e variação, tão presente no universo plástico de **Manuel Cargaleiro**: o ritmo modular, a vibração cromática, a tensão entre estrutura e improvisação. Na sua obra, a cor e a geometria coexistem num diálogo permanente entre disciplina e liberdade, entre a forma construída e a energia do gesto. O mesmo princípio ressoa em *MATRIZ*, ainda que transposto para o campo do desenho e da materialidade do papel. Aqui, a grelha modular é também um pretexto para a instabilidade, uma superfície onde a linha e a mancha encontram um equilíbrio delicado, como se o rigor da composição pudesse coexistir com a organicidade do acaso.

A minha prática situa-se num diálogo entre minimalismo e organicidade, entre a precisão do formato e a incerteza do processo. O fio tingido, enquanto linha material, opera como mediador entre o corpo e o papel, é o instrumento e o limite do gesto. Ao transferir a tinta, o desenho passa a ser não apenas o registo de um movimento, mas o testemunho de uma passagem, uma imagem que emerge do contacto e da pressão.

A disposição final da série é igualmente parte integrante da obra. Os dezasseis desenhos serão apresentados sobre uma placa de madeira branca colocada no chão, com um centímetro de altura e coberta por um vidro protetor próprio para exposição artística (um vidro antirreflexo que preserva a integridade da cor e da textura). Esta escolha não é apenas formal: os desenhos, dispostos no chão, convocam o corpo do espectador a um movimento diferente. A obra deixa de estar diante de nós para estar perto de nós. Exige uma inclinação, um gesto de aproximação, quase de escuta. Ver torna-se um ato físico e, por isso, mais consciente.

Essa proximidade ecoa a relação tátil e artesanal que Manuel Cargaleiro sempre manteve com a matéria, sobretudo na cerâmica, onde o olhar e a mão partilham o mesmo tempo de criação. Tal como o Mestre, procuro que a obra conserve a sua humanidade sensível, onde a ordem não exclui a emoção, e o padrão não suprime o mistério.

MATRIZ propõe, assim, um campo de ressonância onde cada fragmento contém uma parte do todo. As diferenças subtis de cor e densidade constroem uma paisagem silenciosa, quase respiratória, onde a cor vibra como se emanasse do interior do papel. Em sintonia com o legado de Manuel Cargaleiro, este trabalho procura habitar o espaço entre rigor e sensibilidade, entre a ordem

geométrica e a emoção da matéria.

A série afirma o desenho como território em contínua mutação, um espaço de encontro entre gesto, tempo e cor, onde o olhar é convidado a percorrer o intervalo entre o visível e o que permanece latente.

Nota importante:

A obra *MATRIZ* foi concebida especificamente para o **Prémio Cargaleiro**, nascendo de um profundo fascínio e admiração pela obra e pensamento plástico do Mestre Manuel Cargaleiro. A proposta assume-se, assim, como uma homenagem e um diálogo contemporâneo com o seu legado, tanto na dimensão modular e rítmica como na atenção ao detalhe e à vibração cromática.

Os desenhos encontram-se concluídos e foram provisoriamente fotografados no chão do meu ateliê, ainda sem a estrutura expositiva final — a base em madeira branca e o vidro antirreflexo — que compõem a instalação na sua totalidade. Lamento que as imagens enviadas não reflitam integralmente a intenção final da obra. Caso a proposta venha a ser selecionada, a estrutura será integralmente produzida e apresentada conforme aqui descrito e projetado nesta candidatura.

Condições de instalação da obra:

A obra *MATRIZ* é composta por dezasseis desenhos dispostos em quatro filas de quatro, apresentados sobre uma base de madeira branca, com um centímetro de altura, e protegidos por um vidro antirreflexo próprio para exposição artística. A instalação foi concebida para ser apresentada pousada diretamente sobre o chão, sublinhando a sua dimensão de território e convidando o olhar a um movimento de aproximação e de escuta visual.

É essencial que a obra seja instalada sobre um chão plano e estável, de forma a garantir a integridade física da estrutura e do vidro. Recomenda-se que exista um recuo suficiente em relação à entrada da sala, permitindo ao visitante uma perceção gradual e antecipada da composição no espaço. Embora a obra se encontre protegida por vidro, não apresenta risco de quebra ou fragilidade relevante quando devidamente instalada.

No caso de se considerar necessário um perímetro de segurança, poderá ser utilizada uma delimitação discreta, por exemplo, através de fitas de sinalização ou pequenas bandanas no chão, ainda que essa solução deva ser ponderada com cuidado, uma vez que tende a criar um distanciamento físico e simbólico que contraria o espírito de proximidade e imersão que a obra propõe.

A iluminação deverá ser difusa e lateral, evitando a incidência direta e vertical da luz sobre o vidro, de modo a prevenir reflexos e preservar a delicadeza cromática dos desenhos. Idealmente, a luz deve favorecer a leitura subtil das tonalidades e texturas, mantendo um ambiente de contemplação.

Todas estas condições poderão ser ajustadas em diálogo com a equipa técnica do museu, cujo conhecimento e experiência são fundamentais para assegurar que a instalação preserve a integridade material e conceptual da obra. Agradeço, enquanto artista, a disponibilidade e colaboração nesse processo, reconhecendo a importância do olhar técnico na concretização plena da proposta.